Rogério de Carvalho

Representações singulares

Paulo Eduardo Carvalho

Desde o primeiro número que o esforçado investimento da *Sinais de cena* na documentação iconográfica do teatro, português e não só, encontra a sua mais eloquente expressão nas páginas do seu Portefólio. Sempre se pensou neste espaço como um lugar para as mais diversas "representações": o olhar laborioso do fotógrafo de teatro (e já tivemos João Tuna e Susana Paiva), o percurso histórico das companhias (como já aconteceu com O Bando e o Teatro Experimental de Cascais) ou a presença cénica, entre nós, da obra de determinados dramaturgos (caso de Samuel Beckett, no número anterior da nossa revista). Quisemos, desta vez, reunir um conjunto de fotografias que nos parecesse representativo de um dos mais, literalmente, singulares criadores cénicos portugueses: Rogério de Carvalho. Pode mesmo dizer-se que a sua singularidade resulta de uma quase romanesca combinação de factores biográficos, culturais e artísticos.

Nascido em Angola a 12 de Novembro de 1936, de mãe angolana e pai português, Rogério de Carvalho fixa-se em Portugal em 1954. Se tal facto é, em si, suficientemente propiciador de uma certa instabilidade "identitária", ela surgirá reforçada pelo percurso assumidamente errante que acompanha a sua inscrição no teatro português, livre de quaisquer ligações permanentes a estruturas de produção. Formado em Economia e professor de liceu durante largos anos, a sua aproximação ao teatro terá sido hesitante e demorada, com passagens pelo Conservatório, ainda antes da reforma de 1971, a frequência de cursos de improvisação e representação conduzidos por Fernando Amado e, depois, mais tarde, nova passagem pela Escola Superior de Teatro, a partir de 1976. Mas desde 1968 que dirigia um grupo de teatro na Escola Secundária Anselmo de Andrade, em Almada, onde já levava à cena textos de, entre outros, Sófocles, Brecht, Weiss e Beckett. A esta experiência em contexto escolar seguir-se-ia o desafio do teatro amador, no âmbito do Grupo de Intervenção Teatral da Trafaria. Como ele próprio recentemente recordou:

O facto é que alguns críticos, como o Carlos Porto, foram ver os espectáculos e acabaram por ser os culpados por eu ter ficado no teatro, porque foram gostando... E durante anos e anos foi isso que eu fui fazendo, continuava a dar aulas e ia dirigindo esses espectáculos. Depois comecei a trabalhar com o teatro amador, mais tarde com o teatro universitário, até que apareceu o teatro profissional. Tudo isso criou em mim um certo espírito de "errância", que já vinha de trás, do facto de eu ter nascido em África, de aí ter passado a minha infância e juventude e de ter vindo para Portugal com dezanove ou vinte anos, o que potenciava uma espécie de permanente instabilidade,

entre ficar e regressar. A ligação a um grupo pareceu-me sempre uma coisa difícil... (Carvalho 2006: 13)

Depois da experiência como assistente de encenação em *Ninguém* (1978/79), encenado por Ricardo Pais, o seu primeiro espectáculo profissional acontece com um texto de Jaime Salazar Sampaio, *Conceição ou um crime perfeito*, no Teatro S. Luiz, para a companhia Teatro Popular – Companhia Nacional 1. Mas é ainda em contexto amador, com o Teatro da Caixa, que Rogério de Carvalho encena o espectáculo que decidirá o seu percurso: tratou-se de *Tio Vânia*, de Tchekov, representado num velho edifício da Caixa de Aforros, e que a APCT viria a distinguir com os prémios de melhor espectáculo, melhor encenação e melhor cenografia. Esta experiência marca o seu encontro com Tchekov (um dos dramaturgos mais presentes no repertório que vem construindo) e com o cenógrafo José Manuel Castanheira, seu colaborador num conjunto muito expressivo de outros espectáculos.

A sua carreira continuaria a dividir-se pelas mais diversas estruturas e contextos de produção, entre companhias já desaparecidas, como o Grupo de Teatro Hoje, o TEAR e os Comediantes, o Grupo de Teatro Maizum, o Teatro do Mundo, o Teatro do Século e o Meta-Mortem-Fase, e outras ainda activas, como o Teatro Experimental de Cascais, a Companhia de Teatro de Almada, a Companhia de Teatro de Braga, A Escola da Noite, As Boas Raparigas, o Cão Solteiro, o Ensemble, o Projecto Teatral, o Teatro Bruto ou a Mala Voadora. Aos trabalhos realizados com estas companhias devem ainda acrescentar-se aqueles realizados no Teatro Nacional D. Maria II e, mais recentemente, no Teatro Nacional S. João, bem como, num pólo oposto, mas complementar, as suas muitas colaborações com o teatro universitário, nomeadamente com o TEUC. O seu percurso criativo tem sido, aliás, sempre acompanhado por um regular investimento na pedagogia e na formação, no âmbito de escolas como o IFICT (Instituto de Formação, Investigação e Comunicação Teatral), a ACE (Academia Contemporânea do Espectáculo) e a Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa, ou de programas de colaboração teatral com os países africanos de língua portuguesa.

Ao longo destes quase 40 anos de actividade e em mais de 70 espectáculos, o criador já dirigiu grandes textos da literatura dramática clássica e contemporânea, como Sófocles, Gil Vicente, Molière, Marivaux, Tchekov, Strindberg, Schnitzler, Brecht, Kroetz, Fassbinder, Handke, Cocteau, Genet, Koltès, Müller, Pinter ou Barker, mas também se deixou seduzir pelo desafio de dar forma cénica a materiais

tão diversos como os discursos de Platão, a poesia de Garcia de Resende e Yannis Ritsos ou a prosa de Joyce e Genet.

Não obstante a natureza reservada da sua figura pública e a ostensiva escassez de uma reflexão discursiva própria sobre o seu trabalho, Rogério de Carvalho conquistou, de facto, na formulação sugestiva de Anabela Mendes, a reputação de "encenador de singularidades inéditas no espaço teatral português" (1991: 39). Os seus melhores trabalhos resultam de um investimento deliberado num conjunto de procedimentos cénicos que articulam, com raro equilíbrio, o trabalho minucioso sobre a palavra e as suas sonoridades – "A palavra tem corpo, respira, sopra..." (Carvalho 2006: 10) –, o corpo do actor e a sua inscrição no espaço cénico, e a imagem visual do espectáculo (com destaque para a iluminação, explorando audaciosamente atmosferas de penumbra e obscuridade), num todo dominado por um, muitas vezes, quase programático rigor expressivo. A insistência num certo minimalismo de expressão – em ostensiva oposição a qualquer manifestação ilustrativa ou naturalizante – parece ser a via escolhida para maximizar o acesso a uma verdade mais profunda, que se apresenta como o objecto de uma demanda incessante. Conceitos de ressonância grotowskiana, como aqueles associados à procura da "zona" da personagem ou ao estabelecimento de "partituras" textuais, sonoras, físicas, visuais, etc., parecem

ser recorrentes no seu trabalho. Mas é talvez isto que explica a singular precisão e intensidade que caracterizam alguns dos seus mais marcantes espectáculos, como podem ter sido, para a memória deste espectador, entre muitos outros, *Crisótemis*, a partir de Yannis Ritsos, com Fernanda Lapa, em 1983, ou alguns dos trabalhos realizados, na última década, para As Boas Raparigas, como *Quatro horas em Chatila*, de Jean Genet, em 1997, ou o mais recente *Mãos mortas*, de Howard Barker, em 2006, nos quais se destaca a prestação de Maria do Céu Ribeiro, aquela que será, talvez, a sua mais fulgurante intérprete.

As imagens recolhidas neste portefólio ficam a dever-se, uma vez mais, ao incansável labor documental de Rui Pina Coelho, com a colaboração de Sebastiana Fadda, bem como à generosidade das muitas pessoas, instituições e outras estruturas que facilitaram a sua identificação e reprodução.

Referências bibliográficas

CARVALHO, Rogério de (2006), "Planos de realidade", entrevistado por Paulo Eduardo Carvalho, in Manual de leitura de *Os negros*, Porto, TNSJ, pp. 8-13.

MENDES, Anabela (1991), "Rogério de Carvalho", in Eugénia Vasques (dir.), *Alternatives Théâtrales*, n.º 30, *D'autres imaginaires: Théâtre et danse au Portugal*, p. 39.

Legendas

1 > *As três irmãs*, de Anton Tchekov, Grupo de Iniciação Teatral da Trafaria, 1977.

2 > *Tio Vânia*, de Anton Tchekov, Teatro da Caixa, 1980.

3|4 > *Agaivota*, de Anton Tchekov, Teatro do Mundo, 1982, fot. Arquivo TNDMIL.

5|6 > *Crisótemis*, de Yannis Ritsos, Teatro Nacional D. Maria II, 1983, fot. Arquivo TNDMIL.

7|8 > *Menina Júlia*, de August Strinberg, Companhia de Teatro de Almada / Grupo de Campolide, 1986, fot. CTA.

9 > *Preparadise, Sorry Now - O paraíso não está à vista*, de Rainer Werner Fassbinder, Grupo de Teatro Maizum, 1984.

10 > *Magdalena lê uma carta*, de Jaime Salazar Sampaio, Teatro do Bairro Alto, 1984.

11|12 > *Os negros*, de Jean Genet, Teatro do Século, 1986, cortesia do Museu Nacional do Teatro.

13|14 > *Tartufo*, de Molière, Teatro Experimental de Cascais, 1987.

15 > *Auto da Índia*, de Gil Vicente, Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, 1988.

16 > *Preparadise, Sorry Now - O paraíso não está à vista*, de Rainer Werner Fassbinder, Teatro Estúdio de Arte Realista, 1989.

17 > *O jardim das cerejeiras*, de Anton Tchekov, Teatro Estúdio de Arte Realista, 1989.

18 > *Combate de negro e cães*, de Bernard-Marie Koltès, Teatro Estúdio de arte Realista / Os Comediantes, 1990.

19 > *Platonov*, de Anton Tchekov, Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra, 1990.

20 > *Tartufo*, de Molière, Teatro Estúdio de Arte Realista / Os Comediantes, 1990.

21|22 > *Pois e filhos*, de Turgueniev / Brian Friel, Grupo Teatro Hoje, 1991, cortesia do Museu Nacional do Teatro.

23|24 > *O triunfo do amor*, de Marivaux, A Escola da Noite, 1992, fot. Susana Paiva.

25 > *Auto da Índia*, de Gil Vicente, A Escola da Noite, 1993, fot. Susana Paiva.

26 > *Miscelânea*, de Garcia de Resende, Cassefaz / Culturgest, 1994, fot. Culturgest.

27 > *O mulato dos prodígios*, de José Mena Abrantes, Elinga Teatro / Cena Lusófona, 1997, fot. Augusto Baptista.

28 > *Fédon*, a partir de Platão, enc. Rogério de Carvalho, As Boas Raparigas..., 1999, fot. Direitos Reservados.

29 > *A cada um o seu problema*, com textos de Harold Pinter, Companhia de Teatro de Almada, 1997, fot. CTA.

30 > *Quatro horas em Chatila*, de Jean Genet, As Boas Raparigas..., 1997, fot. Direitos Reservados.

31 > *A fronteira*, Estágio Internacional de Actores Lusófonos / Cena Lusófona, 1998, fot. Augusto Baptista.

32 > *Abecedário*, a partir de Heiner Müller,

As Boas Raparigas..., 1999, fot. Direitos Reservados.

33 > *Cais Oeste*, de Bernard-Marie Koltès, Ensemble – Sociedade de Actores, 1999, fot. João Tuna/TNSJ.

34|35 > *Aconteceu amanhã*, de Dário Fo e Franca Rame, Companhia de Teatro de Braga, 2000, fot. Susana Paiva.

36 > *Don Juan*, de Molière segundo Bertolt Brecht, Teatro Bruto, 2001.

37|38 > *Uriel Acosta*, a partir de Karl Ferdinand Gutzkow, Agustina Bessa Luís e Uriel Acosta, As Boas Raparigas..., 2001, fot. Direitos Reservados.

39 > *O caminho solitário*, de Arthur Schnitzler, Teatro Nacional D. Maria II, 2003, fot. Arquivo TNDMIL.

40|41 > *Pedro Andrade, a tartaruga e o gigante*, de José Mena Abrantes, Cena Só / Cena Lusófona, 2003, fot. Augusto Baptista.

42|43 > *Credores*, de August Strindberg, Mala Voadora, 2003, fot. Susana Paiva.

44|45 > *O cerejal*, de Anton Tchekov, A Escola da Noite, 2004, fot. Augusto Baptista.

46|48 > *Mãos mortas*, de Howard Barker, enc. Rogério de Carvalho, As Boas Raparigas, 2006, fot. Henrique Delgado.

47 > *Os negros*, de Jean Genet, Teatro Nacional de S. João, 2006, fot. João Tuna/TNSJ.

12

13

14

15

16

17

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

46

47

48